

## J.J. TCHUDI, A CONEXÃO BRASILEIRA DE BÜCHNER

Erwin Theodor

Centro e cinquenta anos transcorreram desde a morte, aos 23 anos de idade, do dramaturgo e novelista Georg Büchner. Pouco numerosos os autores de todo mundo que a tal distância são realmente lidos, representados e ouvidos. Em geral, os grandes nomes do passado são ou esquecidos ou citados com respeito e reverenciados em datas fixas, mas a sua presença atuante, como matéria de leituras apaixonantes ou êxitos consagradores deixou de ser sentida, esmaecida a sua influência e conservada na memória apenas o nome ilustre, oco de significado.

No presente caso verifica-se o contrário: “Ao ler-se as cartas de Büchner, difícil é lembrar que não são de um contemporâneo”, diz o jovem e consagrado escritor Volker Braun em 1978. Heinrich Böll exclamou em 1967, em conferência em que agradecia pela concessão do Prêmio Büchner: “A intranquilidade que parte de Büchner é de uma dominância surpreendente, sentimo-la aqui, presente nesta sala. Assalta-nos de repente, saltando por cima de cinco gerações”. E, em verdade, a recepção fulminante de sua obra verificou-se bem depois de sua morte, embora já em 1837 o hoje quase esquecido, mas notável publicista e romancista Karl Gutzkow declarasse que Büchner havia sido “filho autêntico dos novos tempos”. Excetuando **A Morte de Danton**, a sua obra, de pequena extensão, foi reservada a gerações posteriores. Recebeu divulgação parcial em 1850, mas só em 1875 foi impresso o **Woyzeck**, geralmente considerada a mais importante de suas peças. Os naturalistas alemães (especialmente Gerhart Hauptmann) passaram a celebrizá-lo, por volta de 1885, como “genial precursor”; trinta anos depois é proclamado “modelo jamais alcançado” (Julius Bab) pelos expressionistas. Sua obra literária, escrita em três anos apenas, continua exercendo poderosa influência em todo o mundo, e defensores de doutrinas revolucionárias passaram a ver nele um antepassado e arauto genial, graças à redação do folheto político **O Mensageiro de Hesse**, a revelar a sua aguda sensibilidade social, assim como a adoção de teorias revolucionárias de caráter pré-marxista. Este **Mensageiro de Hesse**, bem como suas teses acadêmicas nas áreas da Medicina e da História Natural, seus esparcos escritos históricos, a novela **Lenz**, a comédia **Leonce e Lena**, os dramas **A Morte de Danton** e **Woyzeck** e as suas cartas precisam ser lidos individualmente, para ter-se idéia da força expressiva e da eminente atualidade desse genial precursor.

Aqui é propósito chamar a atenção sobre a recepção mais recente de Büchner, profundamente alterada desde que, a partir dos anos 70, o jovem docente Thomas Michael Mayer (que anteriormente havia sido assistente do notável diretor Fritz Kortner) passou a divulgar manuscritos de e sobre Büchner, por ele encontrados após paciente pesquisa. Anteriormente (em 1967) havia sido iniciada a publicação das **Obras Completas e Cartas** por Werner R. Lehmann, uma edição histórico-crítica, que empreendia “estabelecer definitivamente o legado do Autor”. De fato, trazem os volumes publicados muitas informações novas e abrem perspectivas diferentes daquelas da edição de Fritz Bergemann (Insel, 1922), que havia privilegiada até então. Dessa edição tivemos de valer-nos ao redigir, em 1959, o estudo **O Trágico na Obra de Georg Büchner**, possivelmente o primeiro livro dedicado inteiramente ao autor de **A Morte de Danton**, publicado em português. A partir de 1967, porém, com a edição de Lehmann, ficou superado e tal como os demais estudiosos do assunto, julgávamos que essa nova edição estabelecesse firmemente a tradição literária de Büchner. Ledo engano, porque Büchner ressurgiria mais multifacetado ainda, com os documentos que Thomas Michael Mayer publica e interpreta a partir de 1977, e a respeito dos quais se estende nos dois tomos da edição **TEXT + KRITIK** (Munich, 1979, 456 págs.), complementados por um terceiro da mesma coleção, em 1981, que modificam substancialmente o entendimento anterior. Nova edição crítica de **A Morte de Danton** (ed. Th. M. Mayer, Georg Büchner – Gesellschaft, 1980) serve de base a uma apresentação “revolucionária” em Frankfurt e altera o enfoque dado à peça; várias interpretações do **Woyzeck** (entre as quais a de Henri Poschmann, de 1984), a minuciosa edição crítica de Mayer do **Mensageiro de Hesse**, assim como a publicação de cartas e testemunhos até então desconhecidos oferecem novas perspectivas, e sucedem-se os livros publicados na Alemanha acerca da matéria, entre os quais referiremos uns poucos: **Pensar, Falar, Agir** de Corneille Ueding, 1976; **Contemporâneo Büchner**, editado em 1979 por Ludwig Fishcer, com capítulos acerca de cada uma das obras; **Georg Büchner: Estudos e novas fontes**, de Jean-Christoph Hauschild, 1985, acompanhado de cartas inéditas, **Leonce e Lena** edição crítica de Burghard Dedner, 1986 e, principalmente, a edição fac-similada de todos os textos do autor, em dez volumes: **Obras Coíligidas** (“**Gesammelte Werke**”), com comentários críticos de Th. M. Mayer, publicados no corrente ano.

A publicação desses documentos, apenas agora encontrados, abre novas perspectivas heurísticas, atesta a presença crescente deste espantoso escritor, dentro e fora da Alemanha, assim como principalmente na Áustria, França e Estados Unidos da América. Cada vez mais clareiam as obras de pesquisa às relações e inter-relações existentes entre Büchner e os intelectuais da época, mencionando o referido trabalho de Jean-Christoph Hauschild, entre muitas outras minúcias dignas de nota, as memórias de

um certo João J. Tschudi acerca do curso que o jovem livre-docente Georg Büchner, da Universidade de Zurique, proferiu poucas semanas antes do seu falecimento, sobre “Anatomia comparada entre peixes e anfíbios”, no semestre de inverno 1836/37. Tschudi chegou mesmo a ser o seu único discípulo num seminário, realizado no mesmo quarto em que Büchner viria a falecer no dia 19 de fevereiro de 1837, e do qual esboça um croquis de memória, constante de uma cartas recentemente encontradas.

Tschudi era apenas cinco anos mais jovem que seu professor, e aqui chamamos a atenção especialmente sobre ele, pois não se trata de outro senão o naturalista, viajante e diplomata J.J. Tschudi, formado em ciências naturais por Zurique e, em medicina, por Paris, empreendedor aos trinta anos de célebre viagem circunavegatória do globo, estudioso da fauna e da arqueologia do Peru, a respeito das quais escreveu festejado tratado. Voltou a permanecer na América do Sul entre 1857 e 1859, principalmente no Brasil, nos Estados do Prata, no Chile, na Bolívia e no Peru, e em 1860 retornou novamente e, agora, para uma permanência prolongada só no Brasil, pois vinha na qualidade de ministro plenipotenciário da Suíça. Ao voltar para o seu país (que a seguir o destinaria como embaixador à corte de Viena), escreveu e publicou (em 1866) interessantíssimo relato de viagem, cuja tradução (muito bem realizada por Eduardo de Lima Castro) se intitula **Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo** (Ed. Itatiaia/Edusp, 1980, 218 págs.). Este volume de Tschudi, introduzido por Afonso de E. Taunay, na sua versão nacional, revela um observador atento, crítico e inteligente como também constitui, ao que parece, o único elo até agora estabelecido entre Georg Büchner, o qual — de acordo com o ministro plenipotenciário em nosso país — “exerceu influência duradoura sobre o seu aluno” e o Brasil. É uma relação apenas agora verificável, visto que antes da revelação de Hauschild (1985) ignorava-se a condição de Tschudi como discípulo do jovem autor de **Woyzeck**. E (sina da comprovação de tais inter-relações!) examinando o livro de Tschudi, tão pródigo no fornecimento de informações precisas acerca da sorte dos imigrantes estrangeiros no Brasil nos anos sessenta do século passado, para encontrar algum dado que revelasse os problemas que, um quarto do século antes, agitavam Georg Büchner, lemos: “Em Campinas, hospedei-me na casa do farmacêutico Dr. Georg Krug, pois esta cidade, de grande movimento e indiscutível importância, uma das maiores da Província, não possuía sequer um hotel. O pai do Sr. Krug emigrara da Alemanha, devido à triste situação política do Ducado eleitoral de Hessen (...), onde exercia, na cidade de Kassel, a profissão de marceneiro, que lhe dera grande fama, como artífice hábil e competente. Cometera, entretanto, o grave crime de abrigar idéias demasiado liberais, o que lhe valeu ser forçado a abandonar a pátria, ele e sua família. Veio para o Brasil e fixou residência em Campinas. Seu filho mais velho estabeleceu-se com uma farmácia e o mais jovem exercia, com muita habilidade, a profissão paterna”

(pág. 158). A referida emigração de Hesse (o ducado era terra natal Büchner) deu-se entre os anos trinta e quarenta do século passado, momento em que a penúria do povo daquela região, juntamente com a tirania, exercida pelos seus soberanos, haviam alcançado proporções inimagináveis. Eis porque tantos entre os primeiros imigrantes alemães no Brasil (e também nos Estados Unidos) procediam daquela parte da Alemanha. A menção de Tschudi traz à memória o destino de Büchner (ele próprio exilado em Estrasburgo e mais tarde em Zurique), que escapou à prisão pela fuga, pois, tal como o pai do hospedeiro de J.J. Tschudi, “cometera o grave crime de abrigar idéias demasiado liberais”. Seu **Mensageiro de Hesse** é o mais cáustico libelo acusatório às classes dominantes, escrito na época, desde o lema escolhido: “paz às choças, guerra aos palácios”, de autoria de Chamfort, e as “indicações práticas” que o introduzem. Ei-las: “Este folheto pretende dizer a verdade a terra de Hesse, mas quem diz a verdade é enforcado, e até mesmo quem lê a verdade pode vir a sofrer sanções, decretadas por juízes ímprobos. Por isso, aqueles que receberem o presente folheto farão bem em observar: 1) devem guardá-lo cuidadosamente, fora de sua residência e ao abrigo da polícia; 2) só devem passá-lo a amigos de total confiança; 3) só podem passá-lo às escondidas àqueles em que não confiam incondicionalmente; 4) se o folheto for encontrado, apesar de todas as precauções, devem dizer que estavam prestes a entregá-lo às autoridades locais; 5) aquele que não o tiver lido quando o mesmo for encontrado, encontra-se evidentemente isento de culpa”.

Nada para ilustrar melhor a atmosfera reinante no Ducado de Hesse do que esta advertência preliminar do **Mensageiro**, destinado a “dizer a verdade”, e certamente terá o ministro suíço no Brasil, bem antes de hospedar-se em Campinas e ouvir o relato da família Krug, tido ciência das condições opressivas em que vivia o povo daquela região em 1833 e 1834 através do seu professor, o seu admirado mestre Georg Büchner.

(**Cultura**, supl. de “O Estado de S. Paulo”,  
25/4/1987)